

Programa tucano é liberal; petista é estatizante

A grosso modo, pode-se dizer que o programa cultural tucano é "liberal". O de Lula, "estatizante". Jabor, que ajudou a elaborar o programa de FHC com Jorge Cunha Lima, secretário de Cultura de São Paulo, na gestão Montoro, Ruth Escobar e Ruth Cardoso, entre outros, renegam a palavra. Juram não ser escravos das leis de mercado, expressão predileta dos liberais.

Os petistas também juram não ser estatizantes. O programa da Frente Brasil Popular foi elaborado em encontro nacional realizado na PUC-SP, na primeira semana de agosto. No comando dos trabalhos, Esther Góes, Sérgio Mamberti e delegados de todas as regiões brasileiras.

Mariza Leão orgulha-se do resultado. "É a primeira vez na história do País que princípios culturais norteadores são encaminhados a um candidato depois de discutidos por mais de 150

delegados de base".

Os tucanos querem repensar o papel do Estado na cultura e acreditam em parceria com o empresariado nacional e multinacional. Os petistas querem reformar o Estado, aperfeiçoá-lo. A Funarte existe? Existe. Então a ordem é melhorá-la. A Secretaria de Desenvolvimento do Audiovisual existe? Existe. Então "vamos reforçar suas conquistas".

No terreno do patrimônio Histórico e Artístico, há total sintonia. Os dois programas sabem que o Estado tem que arcar com este fardo. É assim praticamente no mundo inteiro.

A Frente Brasil Popular quer democratizar as telecomunicações. Em especial o rádio e a TV. Nesta área, os tucanos pouco poderão fazer. ACM, aliado de FHC, é dono de emissora de TV e não quer mudanças substantivas no setor.

Com apoio de boa parcela do movimento negro organizado (e de índios), o programa de Lula prega "a implementação de ações antidiscriminatórias capazes de garantir a plena cidadania dos negros, além de programas para a auto-sustentação cultural dos povos indígenas".

Os tucanos não tocam no assunto. Em compensação, dão boa ênfase a

aspectos relativos ao dinheiro. Querem ampliar o orçamento do MinC (ou de uma secretaria que o substitua) de 0,04%, querem aperfeiçoar a Lei Rouanet incorporando a experiência da extinta Lei Sarney e criar mecanismos capazes de fomentar o cinema (no caso, aperfeiçoar os já existentes, pois a detalhada Lei do Audiovisual ainda não entrou em pleno vigor).

No terreno do cinema, a turma da frente lulista tem propostas minuciosas: reserva de mercado para o filme brasileiro nas telas de cinema e TV, investimentos do governo na produção e leis para regulamentar as TVs a Cabo.

No programa tucano, há uma idéia que é abertamente inspirada em projeto que Fernando Moraes (*Chatô*) elaborou para o candidato Orestes Quêrcia. O que os quercistas chamam de pólos regionais de desenvolvimento (regiões nucleadas num centro urbano que terá função difusora), os henriquistas chamam de "geografias culturais irradiadoras" (uma cidade aglutinaria um foco de difusão cultural em uma região geográfica).

Fernando Moraes, que continua fiel a Orestes Quêrcia, pode cobrar direito autoral pela proposta, caso os tucanos vençam. (MRC)